

JT (cad. Sobrado)
13/4/96 F
019

Os sentidos do som

Marlui Miranda analisa a música de 11 tribos indígenas

□ Por Lauro Machado Coelho

Ihu, na língua dos kamayurá, significa som. Mas "não apenas os ruídos: tudo aquilo que é aprendido pelo sentido da audição, desde sua origem até seu entendimento". Por isso, Marlui Miranda deu o título de *Ihu: Todos os Sons* ao livro em que sintetiza 18 anos de pesquisa sobre a música de 11 tribos indígenas brasileiras. O bem produzido volume da editora Árvore da Terra, com partituras e ilustrações de arte rupestre e motivos de pintura corporal, é trilingüe: em razão do auxílio externo recebido na etapa da pesquisa, mas também pensando na divulgação do trabalho fora do Brasil, ele já vem com as traduções em inglês e alemão.

Marlui convive com os indígenas desde 1978; colaborou na trilha sonora do filme *Brincando nos campos do Senhor*, que Hector Babenco rodou em Belém; está bem preparada, portanto, para fazer o mapeamento da parte menos conhecida do tripé branco-negro-índio sobre o qual repousa o multifacetado acervo musical brasileiro. E propôs-se a fazê-lo não com uma abordagem etnomusicológica, de empostação teórica rigorosa, mas de modo mais simples, visando a que o livro seja um produto de consumo para maestros de coro, escolas de iniciação artística ou cantores e instrumentistas que, como ela, desejem garimpar nessa mina.

As dificuldades não foram poucas, porque ela teve de selecionar e editar seu material a partir de 60 horas gravadas, feitas nas mais diversas circunstâncias. Para começar, explica, "não há como padronizar línguas e dialetos sem forma escrita, que se modificam a cada geração". Foi necessário, então, "fazer uma anotação fonética elementar (...), que supre as necessidades do trabalho, permitindo uma compreensão fonográfica das palavras". Mas isso não resolve tudo, pois "há casos em que os cantos são em línguas mortas arcaicas, que os índios entoam sem saber seu significado, ou conhecendo-o parcialmente".

Despreocupado de um aparato analítico mais elaborado, o livro limita-se a expor, em estado mais ou menos bruto, a descrição dos mitos e cerimônias de que faz o inventário, às vezes preservando seu aspecto não-lapidado de pesquisa de campo. É o caso do capítulo em que se fala do aumu, o diálogo cerimonial com que se recebe quem chega à maloca dos yanomami,

trazendo notícias de fora. Marlui transcreve o depoimento de um índio, Davi Kopenawa, fazendo questão de não alterar o português mal falado, as hesitações e repetições da linguagem oral, para que se possa ter a sensação de ouvi-lo falar das tradições e costumes de seu povo.

A qualidade da informação teria, talvez, a ganhar com outro tipo de organização interna; mas assim como está, o livro é de leitura fácil até mesmo porque intercala instantâneos coloridos da vida na aldeia, como uma "nota de diário" que evoca uma "festa de pescaria" entre os índios macurap e jabuti. Explicações dos rituais a que estão ligados acompanham os principais cânticos. O Bep é entoado na cerimônia kayapós de nomeação, na qual os índios recebem nomes novos, que são verdadeiros títulos de nobreza,

ligados ao estágio novo de desenvolvimento que atingiram como indivíduos.

Muito teríamos a aprender, talvez, com o hüroroin, dos pakaa-nova, o saudável ritual de agressividade, em que dois grupos rivais, cantando e dançando, botam para fora, de forma simbólica e cerimonial, o desejo que têm de lutar um com o outro. Enquanto os homens encenam o combate, o coro das mulheres entoa o cântico ritual *Awina ijain je é*. A letra das canções estampadas no livro, porém, raramente é traduzida, o que é uma deficiência grave. Quase isso aconteceu no Pioam, dos karitia-

na; mas lá se ensina a tirar um remédio do cipó, o que melhora muito o rendimento do capítulo. Como o que descreve a fala ritual dos metumji iarên (contos dos velhos), parte de um gênero vocal chamado sáren, com que os índios suya evocam os mitos ligados à sua origem.

Ihu: Todos os sons (All the sounds, Alle Klänge) é um primeiro passo importante. O livro deixa claramente perceber que apenas arranhou a superfície de um repertório muito amplo e, por sua própria natureza, ameaçado de desaparecer, se não houver quem se disponha a se embrenhar por ele, na selva, como quem segue o rastro fugidio de uma onça. 

□ IHU: TODOS OS SONS (ALL THE SOUNDS, ALLE KLÄNGE), de Marlui Miranda. Árvore da Terra, 204 págs., R\$ 65,00.

Lauro Machado Coelho é jornalista e crítico de música



Ilustração de Lux Vidal para o livro *Grafismo Indígena*, reproduzida em *Ihu: 18 anos de pesquisas*